



## PROFESSORES E GESTORES DA ESCOLA PÚBLICA: CAMINHOS E DESAFIOS FRENTE ÀS FORMAS DE ADOECIMENTO DOS JOVENS NEGROS

Rosilda Maria de Queiroz da Cruz Nunes<sup>1</sup>

*Resumo:* Os desafios relacionados ao racismo e a vulnerabilidade social presentes e crescentes nas escolas na contemporaneidade fomentam nos estudantes diferentes modos de adoecimentos e sofrimentos; (PINHEIRO, 2023; GOMES, 2017, 2012; LIMA, 2015). Nesse sentido, este estudo tem como objetivo compreender como os professores e gestores vêm produzindo estratégias de enfrentado frente ao adoecimento e as tentativas de suicídio dos estudantes negros em duas escolas públicas de São Sebastião do Passé/Bahia. Pretende-se também: a) apresentar trabalhos bibliográficos produzidos nos últimos dez anos sobre o tema; b) Discutir a problemática do adoecimento e do suicídio no ambiente escolar; c) compreender a relevância da ação do uso da narrativa de si como mecanismo de intervenção no contexto escolar. A proposta metodológica está alicerçada na abordagem qualitativa com uso de entrevista semiestruturada, com aplicação de questionário, conforme os estudos de Ludke & André (1986) e com a contribuição do método das narrativas de si. Além disso, a pesquisa está fundamentada em

---

<sup>1</sup> Formada em Psicologia-UNEB-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-crítica/UNEB)” - Linha de pesquisa, Letramento Identidade e Formação de Professores - endereço eletrônico - [rosilda43nunes@gmail.com](mailto:rosilda43nunes@gmail.com). Orientadora Maria Anória de Jesus Oliveira- Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> - Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural-(Pós-crítica/UNEB)-endereço eletrônico- [maria.anoria@gmail.com](mailto:maria.anoria@gmail.com)

literaturas no campo da psicologia e das relações étnicas raciais seguidos de autores como: Macho (2021), Navasconi (2019), Bento (2014), Bertolote (2012), Fukumitsu, (2019), Lima (2015), Sodré (2023), Pinheiro (2023), Gomes (2017, 2012 e 2010) e Munanga (2005). Nessa conjuntura, responder as seguintes questões: Como produzir redes de apoio efetiva, diante dessa problemática? O que os trabalhos acadêmicos atuais vêm abordando a respeito desse tema? O que podemos apreender em termos de problematizações e/ou perspectivas a partir do cenário a ser delineado, com vistas a contribuir com a comunidade implicada na presente pesquisa. Ao responder às questões em tela, esperamos re/pensar e visibilizar estratégias de reexistências nas instituições em foco. Logo, os resultados, em processo de investigação (inicial), assinalam a rasura e a limitação de estudos envolvendo as narrativas de si e outras trilhas significativas diante dos problemas levantados.

*Palavras-Chave:* Ação de enfrentamento. Educadores. Jovens negros.

## **INTRODUÇÃO**

Os desafios presentes e crescentes no contexto da escola pública na atualidade assinalam a urgência de re/pensar novos mecanismos de luta, numa conjuntura intersetorial que possam produzir efetivação e articulação na formação de redes de apoio no ambiente escolar, frente às formas de adoecimento e ao suicídio dos estudantes (Pinheiro, 2022). Nesse sentido, a importância de refletir a respeito da construção de medidas de enfrentamento, frente à problemática que envolve a história de vida dos discentes que vivem em situação de vulnerabilidade socioeconômica na instituição pública de ensino.

O aumento da taxa de suicídio e a tentativa de suicídio entre os jovens negros no Brasil segundo o Ministério da Saúde M.S (2018) apresenta a necessidade de discutir esse problema imbricado aos impactos do racismo relacionados à construção da subjetividade e identidade dos jovens negros. Além de fomentar discussões críticas a respeito das consequências da vulnerabilidade social, também, como elemento desencadeador da elevação das taxas de adoecimento e de morte autoprovocado entre os estudantes (Pinheiro, 2022).

Conforme a Organização Mundial da Saúde - OMS (2012, 2019), o suicídio é um problema de saúde pública que afeta as pessoas em diferentes fases da vida. O aumento da taxa de morte autoprovocada entre os jovens nas últimas décadas, assinala a urgência de re/pensar como os fatores psicológicos, biológicos, socioeconômicos, entre outros que desencadeiam conflitos no cotidiano de vida dos jovens. Em vista disso, este estudo tem como objetivo compreender como os professores, gestores e a família vêm construindo ações e estratégias de enfrentamento ao suicídio e ao adoecimento dos jovens negros através do desenvolvimento de práticas pedagógicas em duas escolas públicas do município de São Sebastião do Passé, Bahia.

O município de São Sebastião do Passé está localizado na região metropolitana de Salvador, a cerca de 60 Km da capital. A cidade apresenta uma economia fundamentada no setor de serviços e na atividade agrícola, essa realidade econômica favorece para uma taxa de desemprego elevada no município. A ausência de oportunidade profissional, a carência de investimentos em projetos sociais introduz sentimentos negativos no mundo subjetivo desses jovens. Esse crescimento da pobreza socioeconômica corrobora para produzir esvaziamento na formação psicossocial e subjetiva desses jovens, um cenário que se aproxima da narrativa da obra de Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, na qual o narrador descreve o estado de extrema pobreza

presente na vida social da família das personagens Fabiano e Sinhá Vitória, mas também como essa realidade produz sentimento de tristeza, desconfiança, desesperança e medo do futuro na vida dos personagens (Ramos, 2006).

A situação socioeconômica e estrutural da cidade de São Sebastião do Passé-Ba afeta de forma direta a construção de planejamento dos projetos e sonhos de vida dos jovens estudantes, em especial aqueles que moram na zona rural da cidade. Portanto, assim como a família da obra citada, os jovens sebastianenses podem ser vistos como retirantes, pois se encontram em um espaço social que não atendem seus anseios e acessão social, e isso os colocam num movimento migratório, ou seja, num trânsito em busca de novas oportunidades e perspectivas de vida. Ademais, tal situação afeta demasiadamente a construção de planejamento dos projetos e sonhos dos jovens estudantes moradores da zona rural do município.

Dessa forma, a busca pela sobrevivência desses sujeitos vulneráveis socialmente apresenta a necessidade de elaborar dispositivos plausíveis capazes de promover caminhos de resistência e de reconstrução da imagem e de identidade positiva dos estudantes negros. Essa imagem e identidade são des/configuradas no cotidiano pelos elementos institucionais e estruturais do Estado, fundamentado pelos interesses da política hegemônica e sistêmica presente no capitalismo (Didi-Huberman, 2011).

A metodologia utilizada neste estudo esta fundamentada na abordagem qualitativa, seguido pelo método de observação, entrevista semiestruturado, estudo de caso Ludke, M.; André, (1986). Uma escrita seguida com as narrativas de si, frente às experiências e vivências cotidianas dos professores e gestores relacionados aos trabalhos desenvolvidos na escola, como meio de luta diante do sofrimento dos estudantes em situação de

vulnerabilidade social. Os principais teóricos que alimentam o suporte metodológico da tessitura desta pesquisa são: André (2001); Gatti e André (2011); Ludke, M.; André, (1986). Sendo assim, esses aparatos metodológicos vão contribuir para ampliar o campo de discussão a respeito da elaboração de diálogos constantes entre escola e saúde no cenário atual, numa configuração sobre a discussão de modelos metodológicos de trabalhos pedagógicos preventivos para a saúde mental dos estudantes.

## **ESCOLA E SAÚDE**

É urgente na atualidade re/pensar o ambiente escolar no âmbito da valorização à vida numa concepção biopsicossocial. Para o Ministério da Saúde - MS (2018) é importante desenvolver nas escolas públicas trabalhos pedagógicos que envolvam a formação integral do ser humano, ou seja, a Iniciativa das Escolas Promotoras de Saúde-(IEPS) numa configuração regional e local. As reflexões discutidas neste estudo assinalam possíveis caminhos em que a escola é convidada a promover novas vias de acesso para produzir e alimentar positivamente o mundo cultural, político, social, cognitivo, emocional, afetivo e psíquico dos estudantes como meio de fomentar a potencialidade, criatividade, protagonismo e a arte do pensar crítico desses jovens na forma de se relacionar consigo mesmo e com o outro. Para Bell Hooks (2013), essa prática acontece através da formação de relações saudáveis na comunidade escolar em consonância com a família e a sociedade.

No período da pandemia do Covid 19, a saúde mental dos estudantes foi afetada de modo intenso e rápido por sintomas de ansiedade, pânico, medos, dentre outros. Em vista disso, observa-se a necessidade de a escola criar estratégias de resistência, frente aos desafios e aos conflitos existências presentes na vida

dos estudantes que vivem em situação de vulnerabilidade social, já que esses desafios geram crises existenciais que afetam o mundo subjetivo e a identidade dos estudantes. Nessa perspectiva, a importância de produzir dispositivos potentes numa configuração intersetorial que promovam reflexões críticas a respeito da construção de ações de luta contra o suicídio e as formas de adoecimento, numa lógica que englobe uma rede de apoio sistêmica de diferentes instituições públicas e privadas. Para Busso (2001) a intersetorialidade busca:

Superar a visão isolada e fragmentada na formulação e implementação de políticas e na organização do setor saúde. Significa adotar uma perspectiva global para a análise da questão saúde, e não somente do setor saúde, incorporando o maior número possível de conhecimentos sobre outras áreas de políticas públicas, como, por exemplo, educação, trabalho e renda, meio ambiente, habitação, transporte, energia, agricultura etc., assim como sobre o contexto social, econômico, político, geográfico e cultural onde atua a política (Busso 2001, p. 174).

A dificuldade em estabelecer diálogo entre os setores e instituições públicas e privadas reverbera para o aumento dos problemas presentes, nas escolas públicas, relacionados ao suicídio e ao adoecimento dos estudantes. Além disso, a questão do impacto social do racismo na construção da subjetividade e identidade dos jovens negros deve ser temática discutida na escola, como forma de gerar saúde mental e psicossocial (Gomes, 2003, 2008; Bento, 2022; Navasconi, 2019). De fato, compreende-se que o retrato da saúde pública do Brasil assinala muitas precariedades nos serviços, a espera por uma consulta médica por levar meses ou anos, ou nem mesmo acontecer. Esse quadro da saúde pública do Brasil e de São Sebastião do Passé tem consonância com a obra de Didi-Huberman (2011) quando aborda

sobre a *sobrevivência dos vaga-lumes*. A população ou estudantes que buscam sobreviver mediante a barbárie do sistema capitalista contemporâneo, uma vez que há um elevado número de pacientes que esperam períodos longos, meses e até anos para conseguir uma consulta médica ou fazer um exame no Sistema Único de Saúde-SUS, sendo este um caos público que pode levar à morte.

Diante dessa realidade, pode-se pensar como os profissionais da área da saúde podem contribuir de forma perene e presente para suprir às necessidades de apoio em rede nas escolas públicas? Como a secretaria de educação pode manter diálogos constantes com a secretaria de saúde no cotidiano educacional, frente às carências de recursos e de profissionais da saúde pública? Essas e outras questões apontam as divergências e as dicotomias presentes nos diferentes setores do serviço públicos na sociedade brasileira.

Para tanto, observa-se a relevância de desenvolver um trabalho em rede de conexão entre as instituições públicas que vise assinalar novas formas de ressignificação do cuidado ao ser humano numa configuração sistemática, frente ao adoecimento, ao ato suicida e às dores existenciais dos jovens negros. Vale ressaltar que a demanda e os problemas que afetam a saúde física, psicológica e emocional dos alunos aumentam de forma significativa na contemporaneidade. Segundo os estudos de (Fukumitsu, 2019; Bertolote, 2012) é primordial ensinar os estudantes no cotidiano escolar a educar suas dores, uma vez que o aumento da cultura da violência atravessa esse espaço em diferentes dimensões territoriais e espaciais.

Diante disso, o adoecimento dos estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica se agrava frente às péssimas condições de vida, à carência de diálogo e ao acolhimento sobre o sofrimento existencial. Dito isso, é importante a escola pública possa promover reflexão potente e constante acerca da busca por

suscitar novos olhares e políticas públicas que possibilitem espaços de diálogos e criação de mecanismo de luta contra a morte autoprovocadas e as tentativas de suicídio desses estudantes. Para Didi-Huberman (2011) é importante refletir sobre o papel da sobrevivência no campo de organização da imaginação da memória do indivíduo, que sofre tantos desafios e conflitos existenciais ao longo da sua trajetória de vida.

## **EDUCAÇÃO E PROMOÇÃO À SAÚDE DOS ESTUDANTES NA ESCOLA PÚBLICA**

Segundo a Base Nacional do currículo Comum-BNCC de 2018, o movimento da educação contemporânea permeia por novos caminhos de diálogos sustentados na formação integrada do ser humano, como também a configuração de práticas pedagógicas que promovam o enriquecimento das habilidades individuais e coletivas que alimentem a autoestima dos discentes. O documento declara que é fundamental, ao longo do processo ensino aprendizagem, oferecer mecanismos que reverberam para o conhecimento de si e do outro, no campo das relações afetivas e emocionais. Nesse sentido, a aplicação de aulas que contribuam para os discentes reconhecerem o estado emocional e psicológico em que se encontram torna-se tarefa fundamental no cotidiano das escolas.

Construir pontes de conhecimentos e saberes sobre saúde e escola numa perspectiva intersetorial são aspectos que contribuem para o melhor direcionamento do trabalho pedagógico dos professores, no que se refere à questão do suicídio, adoecimento e sofrimento vivido no cotidiano dos alunos. No contexto atual, as múltiplas e constantes mudanças nas diferentes sociedades apontam a urgência de formação continuada dos trabalhadores da educação, de modo que práticas

humanizadoras sejam inseridas ao cotidiano educacional. Esse movimento dialético produz profissionais capazes de incorporar em sua prática pedagógica, dispositivos potentes e dinâmicos que viabilizem resultados significativos à promoção da saúde dos estudantes negros em situação de vulnerabilidade social.

Nesse sentido, vale compreender a obra *Como ser um educador antirracista* de Bárbara Carine Soares Pinheiro (2023), na qual a autora discorre a criação de ações pedagógicas antirracista em sala de aula como meio de desenvolver positivamente a identidade racial do aluno. As propostas apresentadas na obra de Bárbara Carine nos convidam a re/pensar como ser um educador antirracista no século XXI, diante da sobreposição de problemas que vêm agravando a condição de vida dos jovens negros estudantes de escolas públicas.

A escola deve ser um ambiente capaz de fomentar nos discentes a capacidade de refletir sobre o racismo, a desigualdade social e a violência como forma de produzir dispositivos coerentes com a realidade de vida do aluno, além de trazer debates sobre o papel do sistema capitalista nessa lógica de segregação e morte da massa popular (Sodré, 2023). Essa ação torna-se uma ferramenta relevante na busca de fomentar diálogos e debates sobre a criação de estratégias que alimentem a saúde mental dos jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica, que são vítimas do racismo, do preconceito, como também da discriminação racial presente nesse sistema capitalista perverso que gera o *Estado de exceção* que promove a morte dos vulneráveis (Agamben, 2006).

Para Pinheiro (2013) é urgente trazer conteúdos para serem discutidos na sala de aula, numa configuração transdisciplinar envolvendo problemáticas históricas, culturais, políticas e sociais, que sustentem reflexões sobre os efeitos desses fatores de segregação da violência de morte e do agenciamento da

subjetividade dos jovens estudantes. A desmitificação da história única contada e escrita nos conteúdos dos livros didáticos pelo colonizador, o despreparo dos educadores para discutir a temática do racismo estão entre o rol dos aspectos que reverberam para as formas de adoecimento e o aumento da taxa de suicídio de jovens negros no Brasil (MS, 2018; Pinheiro, 2022).

Fukumitsu (2019) em sua obra *Programa raize* discute a proposta da necessidade de formação de educadores críticos, sustentados em um modelo de educação integrado como caminho de “educar dores”. Um trabalho que atravesse a problemática do suicídio, mas também do adoecimento através da “ampliação aproximação entre família e escola” (Fukumitsu 2019, p.110). Logo, esses elementos irão auxiliar a restauração do equilíbrio emocional, psíquico e afetivo dos jovens estudantes e como consequência contribuirá na luta cotidiana das escolas em favor da vida.

## **RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES**

É importante oferecer condições estratégicas nas escolas, numa conjuntura plural e dinâmica, que possibilitem a construção de armas de reexistência, frente ao processo de formação educacional dos estudantes (Souza, 2011). Assim, os alunos serão capazes de educarem suas dores emocionais, psicológicas e afetivas, como também promover a elevação da emancipação do espaço escolar, numa via dialética, em promoção à formação da vida.

Desse modo, desenvolver em sala de aula práticas pedagógicas envolvendo a escrita e a narrativa de si, no cotidiano dos discentes, torna-se uma atividade importante, para a construção da identidade positiva de si. Além, de desenvolver práticas criativas que fomentam a formação da autoestima e

autoconfiança; essas ações produzem caminho de resistência, sobrevivência, valorização de raça e formação crítica dos discentes (Souza, 2011; Gomes, 2008; Didi-Huberman, 2011).

Por fim, é fundamental compreender a importância da formação continuada dos profissionais da educação e seu papel, em especial dos professores, família e comunidade escolar como mediadores da construção de saberes, capazes de ressignificar a vida dos alunos, através de práticas pedagógicas renovadoras, promovedoras de saúde mental. Além disso, desenvolver projetos pedagógicos relacionados à formação de potenciais e habilidades culturais, cognitivas e emocionais numa configuração de uma proposta pedagógica de educação antirracista.

## REFERÊNCIA

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. S. Paulo: Boitempo, 2006.

ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. Cadernos de Pesquisa, n. 113, p. 51-64, 2001. BENTO, Cida. O pacto da branquitude. 1 ed. – São Paulo: Companhia das letras, 2022.

BERTOLETE, José. M. *Suicídio e sua prevenção*. São Paulo: Unesp. 2012.

BUSSO, Gustavo. Vulnerabilidad social: nociones e implicancias de políticas para latinoamerica a inicios del siglo xxi. Seminario Internacional: las diferentes expresiones de la vulnerabilidad social en América Latina y el Caribe. Santiago de Chile: CELADE, 2001. Disponível

<http://www.derechoshumanos.unlp.edu.ar/assets/files/documentos/vulnerabilidad-social-nociones-e-implicancias-de-politicas-para-latinoamerica-a-inicios-del-siglo-xxi.pdf>  
Acesso em: 20/09/2022.

DIDI-HUBERMAN. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FUKUMITSU, Karina. O. *Programa Raise- Gerenciamento de crises, prevenção e posvenção do suicídio em escolas*. 1 ed. São Paulo: Phorte, 2019.

GATTI, B. A.; ANDRÉ, M. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (Orgs.). *Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: teoria e prática*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 29-38.

GOMES. Nilma Lino. *Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo*, 2003. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182.

GOMES. Nilma Lino. *Diversidade étnico-racial Por um projeto educativo emancipatório*. 2008.

Hooks, Bell. *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes 2013.

LUDKE, M. *A pesquisa qualitativa e o estudo da escola*. Cadernos de Pesquisa, n. 49, p. 43-44, 1984.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

M.S-Ministério da Saúde - *Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016*, Brasília DF. Universidade de Brasília, 2018. Disponível em: [http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos\\_suicidio\\_adolescentes\\_negros\\_2012\\_2016.pdf](http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf). Acesso em: 10/03/2019.

NAVASCONI. Paulo Vitor Palma. *Vida, adoecimento e suicídio; racismo na produção do conhecimento sobre jovens negros/as LGBTTIS. Letramento*, BH, 2019 238.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE [OMS]. *Salud mental. Prevención del suicidio (SUPRE)*, 2012. Disponível em: [http://www.who.int/mentl\\_health/prevention/suicide/suicideprevent/es/index.html](http://www.who.int/mentl_health/prevention/suicide/suicideprevent/es/index.html). Acesso em; 08/03/2020.

WHO (World Health Organization). *Suicide data*. In: WHO (World Health Organization). *Mental Health*. 2019. Disponível em: [https://www.who.int/mental\\_health/prevention/suicide/suicideprevent/en/](https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/suicideprevent/en/). Acesso em: 15 dez. 2020.

PINHEIRO, Wilzacler Rosa e Silva. *Comportamento suicida na escola e no contexto universitário*. 2 ed. São Paulo All Print Ed. 2022

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. *Como ser um educador antirracista*. São Paulo: Planeta Brasil, 2023.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SODRÉ, Muniz. *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.